

1. Pós-doutor pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP), doutor em Teoria e História da Arquitetura pela FAUUSP, Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), especialista em Filosofia Contemporânea pela UFES, graduado em Arquitetura e Urbanismo pela UFES, professor adjunto do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Maringá.

e-mails: acbrlima@uem.br e
adson.bozzi.lima@gmail.com.

DOI: 10.5752/P.2316-1752.2016v23n32p84

UMA CIDADE SOB A OCUPAÇÃO NAZISTA: PARIS (1940-1944)

A CITY UNDER NAZI OCCUPATION: PARIS (1940-1944)

UNA CIUDAD BAJO LA OCUPACIÓN NAZI: PARIS (1940-1944)

Adson Cristiano Bozzi Ramatis Lima¹

Resumo

A cidade de Paris esteve ocupada pelo exército alemão durante a quase totalidade da Segunda Guerra Mundial, e esse fato, assim como a rápida derrota do exército francês, foi sentida por muitos cidadãos franceses como uma vergonha e uma humilhação. No ensaio *Paris sous l'occupation*, publicado em 1945, o filósofo francês narrou a um hipotético leitor estrangeiro as agruras de ter vivido em uma cidade que, uma vez ocupada por uma força militar hostil, já parecia não mais lhe pertencer. O objetivo deste artigo é analisar o supracitado ensaio de Sartre para perceber como uma cidade na qual sempre se habitou, pela qual se tem uma grande empatia e com a qual se criou uma relação afetiva, repentinamente se altera: com as suas casas de espetáculo sendo fechadas, as suas ruas tornando-se desertas e com os seus prédios públicos requisitados.

Palavras-chave: Paris. Segunda Guerra Mundial. Jean-Paul Sartre.

Abstract

The city of Paris was occupied by the German army during almost the whole of the Second World War, and this fact, as well as the fast defeat of the French army, was felt by many French citizens as an ignominy and a humiliation. In *Paris sous l'occupation*, essay published in 1949, the French philosopher tries to explain the difficulties of living in a city that was occupied by a hostile military force. The aim of this paper is to analyze how Sartre as a Parisian citizen felt all those suddenly changes: theaters closed, empties streets and public buildings requisitioned.

Keywords: Paris. Second World War. Jean-Paul Sartre.

RESUMEN

La ciudad de París fue ocupada por el ejército alemán durante casi toda la Segunda Guerra Mundial, y este hecho, así como la rápida derrota del ejército francés, se consideró por muchos ciudadanos franceses como una vergüenza y una humillación. En el ensayo *Paris sous l'occupation*, publicado en 1945, el filósofo francés narra a un hipotético lector extranjero las dificultades de haber vivido en una ciudad ocupada por una fuerza militar hostil. El objetivo de este trabajo es analizar el ensayo de Sartre para demostrar como una ciudad donde siempre ha vivido y con la que mantiene una relación afectiva, de repente cambia: sus teatros cerrados, sus calles desiertas y sus edificios públicos militarmente ocupados.

Palabras clave: Paris. II Guerra Mundial. Jean-Paul Sartre.

Estávamos com o que tínhamos no corpo. Lembrei-me dos quinze mil pesos no guarda-roupa do meu quarto. Agora era tarde. Como me sobrava o relógio de pulso, vi que eram onze horas da noite. Cingi com meu braço a cintura de Irene (acho que ela estava chorando) e saímos assim à rua. Antes de nos afastarmos, tive pena, fechei bem a porta da entrada e joguei a chave no bueiro. Não fosse algum pobre-diabo resolver roubar e entrar na casa, a essa hora e com a casa tomada. (CORTÁZAR, 1986).

Introdução

Como sabemos, a cidade de Paris esteve ocupada pelo exército alemão durante a quase totalidade da Segunda Guerra Mundial, e esse fato, assim como a rápida derrota do exército francês, foi sentida por muitos cidadãos franceses como uma vergonha e uma humilhação. Mas, ainda que tenha sido um fato histórico que marcou toda uma geração, não foi, certamente, um tabu que se devesse evitar, e muito já se escreveu sobre esse período. O filósofo francês Jean-Paul Sartre, por exemplo, assim descreveu, em um livro publicado em 1948, esse sentimento doloroso e talvez mesmo lancinante:

Se eu relato a ocupação alemã a um público americano, seriam necessárias muitas análises e precauções; perderei vinte páginas para dissipar prevenções, preconceitos, lendas; depois será preciso que sustente as minhas posições a cada passo; que procure na história dos Estados Unidos imagens e símbolos que permitam compreender a nossa; que mantenha sempre presente em meu espírito a diferença entre o nosso pessimismo de velhos e o seu otimismo de crianças. Agora, se escrevo sobre o mesmo assunto para franceses, estaremos em casa: bastarão essas palavras, por exemplo: “um concerto de música militar alemã em um coreto de um jardim público”, e tudo estará dito: uma amarga primavera, um parque numa cidadezinha do interior, homens de cabeça raspada soprando nos instrumentos, transeuntes cegos e surdos que apressam o passo, dois ou três ouvintes carrancudos sob as árvores, essa alvorada inútil à França, que se perde no céu, nossa vergonha e nossa angústia, nossa cólera, nosso orgulho também (SARTRE, 2004, p. 56).

O filósofo francês relata a dificuldade de narrar uma dada experiência para aqueles que não partilhariam a sua cultura e a sua nacionalidade, e, ao contrário, como bastaria a evocação de uma simples e banal imagem para que todos aqueles que a vivenciaram cotidianamente a compreendessem. Por outro lado, essa longa citação nos remete a uma questão suplementar: as dificuldades que teria tido um escritor que vivenciou a realidade de uma cidade ocupada (a sua cidade, diga-se de passagem), ao relatar para um público leitor estrangeiro essa experiência singular, que, no caso de Paris, teria sido vivida cotidianamente na vergonha e no opróbrio. Ora, como vimos, uma longa introdução seria necessária, com análises cuidadosas e comparações

2. “Na Avenida Foch, contudo, na Rua *des Saussaies*, ouvia-se dos prédios vizinhos, durante todo o dia até tarde da noite, gritos de sofrimento e de terror. Não havia em Paris nem uma única pessoa que não tivesse tido um parente ou um amigo preso, deportado ou fuzilado” (SARTRE, 2003, p. 15, tradução nossa). No original lê-se: “Dans l’avenue Foch, cependant, dans la rue des Saussaies, on entendait des immeublesvoisins, tout le jour et tard dans la nuit, des hurlements de souffrance et de terreur. Il n’était personne à Paris dont un parent ou un ami n’ait été arrêté ou déporté ou fusillé.”

3. “Conhece-se a visão requintada, ou perversa: a de Vladimir Jankélévich, sugerindo, em seu leito de morte, ou quase, que a filosofia do engajamento inteira – a de Sartre, mas, talvez mais ainda, a de Merleau-Ponty – não passava de ‘uma espécie de compensação doentia, um remorso, uma busca do perigo que não quis correr durante a guerra’. Sartre, como Merleau-Ponty, ‘teria investido tudo no pós-guerra’, porque durante a guerra, quando tinha ‘a idade para cumprir o seu dever’, não teria ‘feito nada’, e, mesmo na Libertação, ‘ter-se-ia contentado em fazer turismo ‘nas barricadas’, um pouco para ‘ter sensações fortes’” (LÉVY, 2001, p. 307). Quanto ao “turismo nas barricadas”, Jankélévich fazia alusão aos sete artigos escritos por Sartre, cujo conjunto se intitula *Um passeio na Paris insurreta*, e que foram encomendados por Camus que na época era chefe de redação do jornal *Le Combat*: “Camus exultava. Ele pediu a Sartre uma reportagem sobre essas jornadas” (BEAUVOIR, 2009, p. 680, tradução nossa). No original lê-se: “Camus exultait. Il demanda à Sartre un reportage sur ces journées.” Quanto aos tais “rumores”, Beauvoir expressou-se nestes termos: “A resistência intelectual se organizava. No início de 1943, intelectuais comunistas propuseram a Sartre de integrar o C.N.E. [Comité National des Écrivains, ligado ao Partido Comunista francês]; ele lhes perguntou se queriam colocar uma ovelha nos seus quadros, mas eles disseram desprezar os rumores que, em 1941, corriam a seu respeito” (BEAUVOIR, 2009, p. 613, tradução nossa). No original lê-se: “La résistance intellectuelle s’organisait. Au début de 1943, des intellectuelles communistes proposèrent à Sartre de se joindre au C.N.E.; Il leur demanda s’ils avaient envie de faire entrer un mouton dans leurs rangs, mais ils déclarèrent tout ignorer des bruits qu’um 1941 ils avaient faire courir sur lui.”

históricas. Contudo, o próprio Sartre já havia realizado essa tarefa, posto que, no ano de 1945, havia escrito o ensaio “Paris sous l’occupation”, republicado em 1949 no ensaio “Situations III” (SARTRE, 2003; CONTAT; RYBALKA, 1970, p. 208). Nesse texto o filósofo francês narrou a um hipotético leitor estrangeiro as agruras de ter vivido em uma cidade que, uma vez ocupada por uma força militar hostil, já parecia não mais lhe pertencer. Aprofundando um pouco mais a questão, poderíamos afirmar que se trata da experiência de estar exilado na sua própria cidade, uma espécie de ostracismo na sua própria concha.

É esse o objetivo deste artigo, analisar o supracitado ensaio de Sartre para perceber como uma cidade na qual sempre se habitou, pela qual se tem uma grande empatia e com a qual se criou uma grande relação afetiva, repentinamente se altera: casas de espetáculo, antes febris e movimentadas, naquele período ficaram fechadas; ruas que estavam sempre apinhadas de transeuntes e automóveis se tornaram desertas; prédios públicos que, uma vez requisitados pela força de ocupação, não eram mais públicos, e, às vezes, ganharam uma sinistra função.² É essa a descrição que nos ofereceu um cidadão de Paris, Sartre, que narrou as consequências da derrota da França desde um ponto de vista nada privilegiado: a de um intelectual de esquerda que habita uma cidade militarmente ocupada.

Antes de iniciar as nossas análises, contudo, convém esclarecer uma questão que, ainda hoje, é um pouco delicada: a da atuação do filósofo francês durante esse período, uma vez que pesou sobre ele rumores e mesmo acusações em nada lisonjeiras.³ Sartre esteve mobilizado como militar na fronteira com a Alemanha durante o período chamado usualmente de *Drôle de Guerre*, ocasião na qual as forças aliadas e o exército alemão contentaram-se com a observação mútua.⁴ Com o início das hostilidades e a vitória dos alemães, Sartre, que não havia se envolvido em nenhuma batalha (ele estava servindo como meteorologista), foi feito prisioneiro e enviado para um campo de concentração. Devido a uma falsificação de documentos, aquele que viria a ser um dos mais importantes escritores franceses do século passado conseguiu ser libertado e enviado para a sua cidade, Paris (LÉVY, 2001, p. 310). Uma vez nessa cidade, Sartre fundou um movimento de resistência aos alemães chamado “Socialismo e Liberdade”, cuja atividade consistia na escritura e distribuição de panfletos de caráter político (LÉVY, 2001, p. 329); como escreveu um dos seus biógrafos, tratava-se de “uma atividade – modesta, atrapalhada, mas real – de propaganda.”⁵ Ou seja, contrariamente ao que se afirmou (como o caso já citado de Vladimir Jankélévich), Sartre não teve uma atitude dúbia ou omissa durante o período em que o seu país e sua cidade estavam militarmente ocupadas, e ainda que não tenha entrado para a resistência armada, teve uma atuação digna. Realizadas essas considerações iniciais, passemos, então, às análises.

Paris sob a ocupação

Trataremos de uma questão ao longo deste artigo: o que terá sido, para aquele filósofo francês, ter habitado uma cidade ocupada? E o nosso autor começa o seu ensaio, justamente,

4. Durante esse período, Sartre escreveu um diário íntimo, o *Diário de uma Guerra Estranha*, no qual ele narrou a sua vida cotidiana na condição de soldado (SARTRE, 1983a).

5. A este respeito, escreveu Simone de Beauvoir no seu mais conhecido livro de memórias: “Eu tinha me apaixonado pelo ‘Socialismo e Liberdade’ por causa do seu caráter de improvisação ao sabor do acaso [...]” (BEAUVOIR, 2009, p. 613, tradução nossa). No original lê-se: “Je m’étais passionnée pour ‘Socialisme et Liberté’ parce qu’il s’agissait alors d’une improvisation hasardeuse [...]”.

6. No original lê-se: “La sollicitude, lorsqu’elle est déçue, se tourne en rancune”.

7. No original lê-se: “[...] peut être ont-ils pensé, avec le Daily Express, que les Français, en comparaison des Anglais, n’ont pas si mal vécu pendant ces quatre ans [...]”.

8. “Já que eu vivi sobretudo em Paris, eu me contentarei, então, em descrever a ocupação nessa cidade” (SARTRE, 2003, p. 16, tradução nossa).

9. “É para esses que eu quero me dirigir. Eu queria lhe explicar que eles estão enganados, que a Ocupação foi uma terrível provação, que não está certo que a França possa se restabelecer e que não há um único francês que não tenha invejado, frequentemente, o destino dos seus aliados ingleses” (SARTRE, 2003, p. 16, tradução nossa).

10. No original lê-se: “Il faut d’abord nous débarrasser des images d’Epinal: non, les Allemands ne parcouraient pas les rues, l’arme au poing; non, ils ne forçaient pas les civils à leur céder le pas, à descendre devant eux des trottoirs; ils offraient, dans le métro, leur place aux vieilles femmes, ils s’attendaient volontiers sur les enfants et leur caressaient la joue; on leur avait dit de se montrer corrects et ils se montraient corrects, avec timidité et application, par discipline; ils manifestaient même parfois une bonne volonté naïve qui demeurait sans emploi.”

11. No original lê-se: “Au début, leur vue nous faisait mal et puis, peu à peu, on avait désappris de les voir, ils avaient pris un caractère institutionnel.”

12. No original lê-se: “Ils nous paraissaient des meubles plus encore que des hommes.”

13. No original lê-se: “[...] nous nous sentions plus gênés que haineux; pour tout dire nous n’étions pas naturels.”

explicando que, ao libertar Paris, ingleses e norte-americanos se surpreenderam em ver que os parisienses não estavam tão famélicos e malvestidos como eles esperavam que estivessem, e concluiu: “A solicitação, quando é decepcionada, se torna rancor” (SARTRE, 2003, p. 15, tradução nossa)⁶, e acrescentou: “[...] talvez eles pensem, com o *Daily Express*, que os franceses, em comparação com os ingleses, não viveram tão mal nesses quatro anos [...]” (SARTRE, 2003, p. 15, tradução nossa)⁷. Esse foi o objetivo do filósofo francês: tentar esclarecer aos estrangeiros o que foi ter vivido quatro anos em um país (e, em particular, em Paris)⁸ militarmente ocupado pelas forças nazistas; e, ao fazê-lo, tentou dissipar alguns mitos e explicar que as provações pelas quais os cidadãos franceses passaram foram realmente terríveis.⁹ Mas, em que consistiria esse sentimento? O que, exatamente, teria sido terrível? Como escrevemos acima, Sartre tentou, inicialmente, dissipar os mitos:

É necessário, antes de tudo, nos livrarmos dos clichês: não, os alemães não percorriam as ruas, armas em punho; não, eles não forçavam os civis a lhes ceder espaços nas ruas, a descer das calçadas diante deles; eles ofereciam, no metrô, os assentos a velhas senhoras, frequentemente, eles se enterneciam com as crianças e lhes acariciavam as bochechas, haviam lhes dito para se mostrar corretos e eles se mostravam corretos, com timidez e aplicação, por disciplina; às vezes, eles manifestavam até mesmo uma boa vontade ingênua que não servia para nada (SARTRE, 2003, p. 18, tradução nossa).¹⁰

Em seguida, o filósofo francês aplicou-se a descrever o mais inquietante aspecto da ocupação: esta era cotidiana. Todos os dias, conviviam franceses e alemães na mesma cidade, dividiam os mesmos espaços públicos, cruzavam-se todo o tempo nas ruas e no metrô, frequentavam os mesmos restaurantes e os mesmos bares. Mas, de tanto vê-los, os parisienses acabaram por torná-los invisíveis: “No início, a vista deles nos fazia mal e, então, pouco a pouco, nós desaprendemos a vê-los, eles tinham se revestido de um caráter institucional” (SARTRE, 2003, p. 18, tradução nossa)¹¹. Além disso, os soldados alemães ignoravam a língua francesa, o que permitia que os parisienses, nos bares e restaurantes, conversassem entre si (sobre política, por exemplo) sem que fossem censurados ou que se sentissem muito incomodados: “Eles nos pareciam mais com móveis do que com homens” (SARTRE, 2003, p. 18, tradução nossa)¹². Contudo, eles estavam lá, e sua presença cotidiana não podia ser ignorada: ou os soldados alemães eram desprezados e odiados, ou, então, uma vez solicitados, os parisienses tentavam falar-lhes (por exemplo, fornecendo-lhes uma indicação de um dado endereço), e, quando isso ocorria, eles não se sentiam “naturais”: “[...] nós nos sentíamos mais incomodados do que raivosos; para dizer tudo, nós não nos sentíamos naturais” (SARTRE, 2003, p. 18, tradução nossa)¹³. Essa seria, então, a realidade cotidiana de um parisiense em uma cidade ocupada. Mas, que cidade seria essa? Essa cidade nos foi relatada por Sartre:

14. No original lê-se: “Aujourd’hui je vois ce que c’était: Paris était mort. Plus d’autos, plus de passants - sauf à de certaines heures dans certains quartiers. On marchait entre des pierres; il semblait que nous fussions les oubliés d’un immense exode. Un peu de vie provinciale s’était accroché aux angles de la capitale; il restait un squelette de ville, pompeux et immobile, trop long et trop large pour nous : trop larges les rues qu’on découvrait à perte de vue, trop grandes les distances, trop vastes les perspectives: on s’y perdait, les Parisiens restaient chez eux ou menaient une vie de quartier, par peur de circuler entre ces grands palais sévères que chaque soir plongeait dans les ténèbres absolues.”

15. No original lê-se: “[...] Paris n’était plus la capitale de la France.”

16. Assim Sartre se refere a essa divisão: “Restava a Europa: mas a Europa era uma palavra que causava horror, uma vez que significava servidão; a cidade dos reis tinha perdido até a sua função política; um governo fantoche, em Vichy, a tinha usurpado. A França, dividida pela Ocupação em províncias incomunicáveis, tinha esquecido Paris” (SARTRE, 2003, p. 22, tradução nossa). No original lê-se: “Restait l’Europe : mais l’Europe était un mot qui faisait horreur, il signifiait servitude ; la cité des rois avait perdu jusqu’à sa fonction politique ; un gouvernement fantôme, à Vichy, l’en avait dépourvu. La France, divisée par l’occupation en provinces fermées, avait oublié Paris.”

17. No original lê-se: “Tout était ruine : maisons inhabitées du XVI^e, aux volets clos, hôtels et cinémas réquisitionnés, signalés par des barrières blanches contre lesquelles on venait buter tout à coup, bars et magasins fermés pour la durée de La guerre et dont le propriétaire était déporté, mort, ou disparu, socles sans statues, jardins coupés en deux par des chicanes ou défigurés par des casemates en béton armé, et toutes ces grosses lettres poussiéreuses au sommet des maisons, réclames électriques qui ne s’allumaient plus.”

18. “Os ingleses, por sua vez, ainda que tenham esmagado Lorient, Rouen ou Nantes com as suas bombas, tinham decidido respeitar Paris. Assim, nós desfrutávamos, nessa cidade agonizante, de uma calma mortuária e simbólica” (SARTRE, 2003, p. 25, tradução nossa). No original lê-se: “Les Anglais, de leur côté, tout en écrasant Lorient, Rouen ou Nantes sous leurs bombes, avaient décidé de respecter Paris. Ainsi jouissions-nous, dans cette cité agonisante, d’un calme mortuaire et symbolique.”

Hoje eu vejo o que era: Paris estava morta. Não havia mais automóveis nem passantes – a não ser em certas horas e em certos bairros. Caminhava-se entre pedras; parecia que nós éramos os esquecidos de um imenso êxodo. Um pouco de vida de província estava pendurada nos ângulos da capital; restou um esqueleto de cidade, pomposo e imóvel, longo e largo demais para nós: largas demais as ruas que descobríamos a perder de vista, grandes demais as distâncias, vastas demais as perspectivas: nós nos perdíamos, os parisienses ficavam em casa ou levavam uma vida de bairro, por medo de circular entre esses grandes palácios severos que a cada noite mergulhavam nas trevas absolutas (SARTRE, 2003, p. 22, tradução nossa)¹⁴.

O filósofo francês relatou a experiência de estar exilado na sua própria cidade, que, ao mesmo tempo, era e não era: as ambiciosas estruturas materiais ainda estavam lá, como as largas avenidas e os austeros palácios clássicos, mas tudo havia mudado repentinamente, e Paris havia se travestido em uma pacata cidade de província. Porém havia um severo agravante nessa transformação: essa pacata cidade estava ocupada por um quase onipresente exército estrangeiro, e Paris parecia não mais pertencer aos parisienses, ou, como formulou o nosso autor: “[...] Paris não era mais a capital da França” (2003, p. 22, tradução nossa)¹⁵. O próprio país, devemos lembrar, estava dividido, com uma parte (a Região Norte) ocupada pelo exército alemão e uma região remanescente que tinha como capital a cidade de Vichy, sob o governo colaboracionista do Marechal Pétain. Ou seja, os parisienses não poderiam reconhecer-se nem mesmo em seu próprio país, que se encontrava desfigurado.¹⁶ E o filósofo francês continuou a explicar e relatar a um hipotético leitor estrangeiro o horror e a humilhação de viver em uma cidade na qual o seu direito de cidadão lhe tinha sido violentamente retirado:

Tudo era ruína: casas do século XVI inabitadas, com as janelas fechadas, palácios e hotéis requisitados, assinados com cavaletes brancos que, de repente, nos barlavam a passagem, bar e lojas fechadas durante todo o período da Guerra porque os seus proprietários tinham sido deportados, mortos ou estavam desaparecidos, pedestais sem estátuas, jardins divididos em dois por barreiras ou desfigurados por casamatas de concreto armado, e todas essas grandes inscrições empoeiradas no alto das construções, publicidades elétricas que não acendiam mais (SARTRE, 2003, p. 22, tradução nossa)¹⁷.

Ora, Sartre nos narrou a angústia que a visão de um estabelecimento comercial fechado representava: a publicidade apagada não era um simples sinal de um *blackout* imposto, mas significava a morte (ou o desaparecimento) do seu proprietário. Paris, de alguma maneira, fora poupada da guerra pela rápida derrota francesa (e pela complacência dos aliados, que preferiram não a bombardear),¹⁸ mas as marcas da guerra estavam implacavelmente inscritas em quase tudo: nos prédios públicos “tomados”, nos jardins desfigurados, nas estátuas pilhadas e nos estabelecimentos comerciais fechados. Essa

19. Assim Simone de Beauvoir narrou essa realidade: “As restrições se agravam: os cortes de eletricidade se multiplicam; a última linha de metrô para às 22 horas; diminuiram-se as sessões dos teatros e cinemas. Não se encontrava mais nada para comer” (BEAUVOIR, 2009, p. 658, tradução nossa).

20. No original lê-se: “[...] seulement de montrer à l’univers que la France était sauve puisque Paris vivait encore.”

21. *Rutabaga* no original. Trata-se de um vegetal cuja principal função na França de então era a de servir de alimento aos animais.

22. No original lê-se: “Pareillement s’effaçaient le gout du chocolat ou du foie gras, le souvenir de certaines journées rayonnantes, d’un 14 juillet à la Bastille, d’une promenade sentimentale, d’un soir au bord de la mer; de la grandeur de la France nos exigences diminuaient avec notre mémoire, et, comme l’on s’accommode de tout, nous avions la honte de nous accommoder de notre misère, des rutabagas qu’on servait à notre table, dès libérés infirmes dont nous disposions encore, de notre sécheresse intérieure.”

23. Assim o seu biógrafo Michel Contat resume a vida que Sartre e Simone de Beauvoir levavam em Paris até a eclosão da guerra: “Eles puderam, a partir de 1936, viver novamente juntos e, ao mesmo tempo, separados, no hotel e, mais tarde, em apartamentos próximos. Eles amam Paris, as suas livrarias e os seus cafés onde eles escrevem e levam uma vida de família (o círculo dos íntimos) e a sua vida amorosa. Em Montparnasse, na esquina Vavin, *Le Dôme* é a sua *querência*, como é chamado o lugar em que o touro se sente em segurança, *La Coupole* é o lugar de ágapes ocasionais, *La Rotonde* sendo uma alternativa (Beauvoir havia nascido em um apartamento acima)” (CONTAT, 2005, p. 50, tradução nossa). No original lê-se: “À partir de 1936 ils pouront y vivre à nouveau, jamais ensemble, jamais séparés, à hotel et, plus tard, dans des appartements proches. Ils aiment Paris, sés libraires, sés cafés ou ils écrivent et même leur vie de famille (Le cercle des intimes), leur vie amoureuse. À Montparnasse, au Carrefour Vavin, *Le Dôme* est leur *querência*, comme on appelle l’endroit ou Le taureuse sent em sécurité, *La Coupole* le lieu d’agapes occasionelles, *La Rotonde* une alternative (Beauvoir est née juste au-dessus)”. Todavia é necessário acrescentar uma nuance: com a ocupação, Sartre não deixou de

cidade, culturalmente tão importante para o Ocidente até a capitulação francesa, agora subsistia graças a alguma protocolar representação teatral ou festa que o Estado-Maior alemão permitia:¹⁹ “[...] somente para mostrar ao universo que a França estava salva porque Paris ainda existia” (SARTRE, 2003, p. 23, tradução nossa)²⁰. Mas o que o autor nos relatou com angústia foi, justamente, o preço a pagar por essa mesma existência, que foi vivida no ultraje e na vergonha. Tratava-se de uma cidade povoada e, finalmente, vazia: e o nosso autor nos narra a estranha situação de que o Louvre estava lá, mas sem as pinturas, a Câmara sem os deputados, o Senado sem os senadores e o Liceu Montaigne sem alunos (SARTRE, 2003, p. 23). Assim, o nosso autor comparou a Paris ocupada a um produto artificial que se exhibe nas vitrines dos bares e restaurantes: é apenas um símbolo do se comercializa, mas, nesse caso, haveria uma grande diferença, o produto oferecido não mais se encontrava disponível. Além das estruturas materiais desertadas e inúteis, havia a memória daqueles que haviam desaparecido, termo que, nesse texto, significa a resistência clandestina ao exército invasor, mas significa, mais frequentemente, a morte e a deportação: “Paris estava povoada de ausentes [...]”. Contudo, o destino da lembrança é, muitas vezes, o esquecimento, como afirmou o nosso autor:

Do mesmo modo como se apagava o gosto do chocolate ou do foie gras, a lembrança de certas jornadas radiantes, de um 14 de julho na Bastilha, de um passeio sentimental, de uma noite na beira do mar, da grandeza da França: nossas exigências diminuam com a nossa memória, e, como é possível se acostumar a tudo, nós tínhamos vergonha de nos acostumarmos com a nossa miséria, com o nabo²¹ que serviam a nossa mesa, com as ínfimas liberdades de que ainda dispúnhamos, com a nossa segura interior (SARTRE, 2003, p. 31, tradução nossa)²².

Dessa cidade grandiosa, da multidão ocupada que enchia as suas ruas e bulevares restou apenas a memória, e a persistência da sua estrutura material é mais um motivo de aflição do que um parco consolo. Sartre nos narrou nesse extrato o medo de perder (por costume ou comodismo) o último vestígio dessa cidade, da sua Paris: a sua lembrança. Assim como é possível esquecer um camarada ou um familiar que foi deportado ou que está morto ou desaparecido, é perfeitamente possível esquecer-se da vida despreocupada e boêmia que se tinha quando ainda era possível frequentar cafés, restaurantes e cinemas, ler e escrever sem suspeitar de possíveis censuras, e sem a amarga lembrança de um camarada morto.²³ Essa vida urbana, hélas, não subsistia senão como memória de tempos e cidades mais felizes, e o nosso autor (assim como milhões de compatriotas) a carregava consigo no constante terror de perdê-la.²⁴ O passado seria, então, o último elo entre os parisienses e essa cidade que não mais lhes pertencia, que lhes havia sido repentina e violentamente retirada, restando apenas uma vaga imagem.²⁵ Mas, como afirmou Sartre, mesmo esta corria o risco de desaparecer, como já havia desvanecido a lembrança do gosto do chocolate e do *foie gras*.

frequentar restaurantes e cafés (e nem, naturalmente, de escrever), apenas o ambiente estava, por assim dizer, “contaminado” por todas as ameaças da Guerra da Ocupação, como se pode ler: “Apesar de todas as restrições e alertas, nós reencontrávamos no Flore uma reminiscência dos tempos de paz; mas a Guerra se insinua na nossa querência. Disseram-nos uma manhã que Sonia tinha acabado de ser presa; ela tinha sido vítima, parece, dos ciúmes de uma mulher; em todo caso, alguém a tinha denunciado; de Drancy [campo de concentração na França ocupada destinado a triagem e deportação de judeus], ela pediu que lhe enviassem um pulôvere meias de seda: depois ela não pediu mais nada” (BEAUVOIR, 2009, p. 611, tradução nossa). No original lê-se: “Malgré toutes les restrictions et les alertes, nous retrouvions au Flore une reminiscence desd années de paix; mais La guerre s’insinue dans notre querência. On nous dit un matin que Sonia venait d’être arrêtée; elle fut victime, semble-t-il, d’une jalousie de femme; em tou cās, quelqu’un la denonça; de Drancy, elle demanda qu’on lui envoyât um pull-over et dés bas de soie: puis elle ne demanda plus rien.”

24. A angústia diante da transformação da cidade pela ocupação alemã foi um sentimento coletivo por parte dos parisienses que não haviam colaborado: “Em retrospectiva, é fácil manter o moral alto e achar uma maneira de manter-se silencioso ou, de alguma forma, em uma inação culposa. Mas a ideia de que tiveram algum tipo de colaboração passiva é não levar em conta as realidades do dia a dia em uma Paris ocupada, dominada por questões mundanas, como lidar com a escassez de alimentos e combustíveis (que estavam se tornando cada vez mais escassos), apegados a um emprego e tentando manter as famílias unidas, bem como tentando se acostumar com a visão de ruas da cidade, transformadas por placas de sinalização alemãs, e o medo inevitável engendrado por ver uniformes nazistas em toda parte” (SIMEONE, 2006 p. 24, tradução nossa). No original lê-se: “With hindsight, it is all too easy to take the moral high ground and to find this kind of silence or inaction culpable in some way. But the idea that it amounted to a kind of passive collaboration fails to take account of the day-to-day realities of existence in Occupied Paris, dominated by mundane questions of dealing with food and fuel shortages (which were to become increasingly acute), holding on to a job, and keeping families together,

Quase todo o texto de Sartre foi escrito na vergonha e na infâmia de ser um cidadão de um país que foi derrotado, e cuja derrota poupou a sua cidade do destino de tantas outras, como Londres: “Mas a França tinha vergonha em relação ao mundo” (SARTRE, 2003, p. 28). Acusavam-na de ter perdido a guerra rápido demais, e que tinha sido fácil demais para os alemães, e que, justamente por tudo isso, Paris, declarada “cidade aberta” com o rompimento do *front*, foi poupada da destruição. Em um romance escrito por Sartre e publicado em 1949, uma personagem levantou essa questão, que é conflituosa e moralmente ambígua: “Mas por que defender Paris? Seria tolice. Teriam destruído o Louvre, a Ópera, Notre-Dame. Quanto menos devastação houver, melhor será” (1983b, p. 12). Diante de cidades francesas devastadas pelos aliados, tal afirmação é, naturalmente, cínica; e, por outro lado, a descrição dessas construções pomposas (mas desertas e inúteis) nos indica apenas que estas ficaram em um estado de *sursis*, enquanto aqueles que as frequentavam anteriormente esperavam pelo fim da guerra, e, se possível, uma vitória dos aliados.

Os habitantes dessa cidade estavam, de certa maneira, condenados a desprezar (ou a odiar) os ocupantes e, ao mesmo tempo, a colaborar com estes, como se pode ler em um trecho do mesmo romance: “Para cúmulo da infelicidade, nós não podemos dar um passo, nem comer, nem mesmo respirar, sem nos sem tornar cúmplices do ocupante” (SARTRE, 1983b, p. 29). Foi o dilema moral de muitos habitantes: a resistência é uma possibilidade, mas era, sabia-se, um ato de desespero porque era perfeitamente inútil: como vencer, com um punhado de homens pouco armados, um exército regular e disciplinado?²⁶ E, por outro lado, a “colaboração involuntária e forçada” deixava um *arrière-goût* de traição ao seu país. O próprio Sartre, no imediato pós-guerra, foi acusado por muitos de colaboracionismo por ter escrito textos para o governo francês.²⁷

Últimas considerações

Como vimos, Sartre tentou explicar para um público estrangeiro as agruras de ter vivido quatro anos em uma cidade ocupada. Se o filósofo francês obteve sucesso ou não nessa tarefa é uma questão que mais depende do público receptor (da sua complacência ou da sua simpatia em relação aos franceses) do que do próprio autor. De qualquer sorte, ao menos o filósofo francês teve o mérito de abordar essa questão delicada em um momento em que os países aliados (e, principalmente, os ingleses) tiveram grandes perdas materiais e humanas para libertar os franceses do jugo nazista. Além disso, Sartre fez um importante relato: mostrou o caráter do sentimento e das dificuldades de habitar uma cidade cuja atmosfera e paisagem se transformaram radicalmente, com os soldados de um exército estrangeiro a frequentar os seus cafés, jardins públicos e restaurantes. Certamente que, a partir da sua filosofia do engajamento e da liberdade, Sartre poderia ter escolhido habitar outro lugar: no campo ou até mesmo na região de Vichy (ou, como tantos compatriotas, tentar um difícil exílio na Inglaterra ou nos Estados Unidos da América),²⁸ mas ele escolheu Pa-

as well as coming to terms with the sight of the city's streets transformed by German signposts, and the inevitable fear engendered by seeing Nazi uniforms everywhere.”

25. Em outro texto, o nosso autor comenta desta maneira a importância da cidade: “Uma cidade para nós é, sobretudo, um passado; para eles [os norte-americanos], é, principalmente, um futuro” (SARTRE, 2003, p. 77, tradução nossa). No original lê-se: “Une ville, pour nous, c'est surtout un passé ; pour eux, c'est d'abord un avenir [...]”

26. “Mas a Resistência não era senão uma solução individual e nós sempre o soubemos: sem ela os ingleses teriam ganhado a guerra, com ela eles a teriam perdido se tivessem que perdê-la. Ela tinha, sobretudo, aos nossos olhos, um valor de símbolo; e é a razão pela qual muitos resistentes estavam desesperados: sempre símbolos. Uma rebelião simbólica em uma cidade simbólica; somente as torturas eram verdadeiras” (SARTRE, 2003, p. 27, tradução nossa). No original lê-se: “Mais la Résistance n'était qu'une solution individuelle et nous l'avons toujours su : sans elle les Anglais auraient gagné la guerre, avec elle ils l'auraient perdue s'ils avaient dû la perdre. Elle avait surtout, à nos yeux, une valeur de symbole ; et c'est pourquoi beaucoup de résistants étaient désespérés : toujours des symboles. Une rébellion symbolique dans une cité symbolique ; seules les tortures étaient vraies.”

27. “[...] e sobre a cabeça de Sartre pesariam todas as suspeitas possíveis e imagináveis: Bariona [peça de teatro] no Stalag, Les mouches [peça de teatro] na Paris ocupada; os artigos na Comédia, os roteiros para a Pathé; os de Castor [Simone de Beauvoir] para o rádio; uma resistência de opereta, ou resistência alguma [...]” (LÉVY, 2001, p.329).

28. Saint-Exupéry, por exemplo, antes de ter o seu avião abatido pelas forças alemãs no Mediterrâneo, conheceu um período de exílio nos Estados Unidos da América, país no qual convivia com uma comunidade de franceses expatriados que procurava apresentar alguma resistência à ocupação militar.

29. Sobre essa questão, o nosso autor escreveu em outro texto: “Cada um deles [os parisienses], contra os opressores, tentava ser ele mesmo, irremediavelmente, e em se escolhendo na liberdade, escolhia a liberdade de todos” (SARTRE, 2003, p. 13, tradução nossa). No original lê-se: “Chacun d'eux,

ris, a cidade na França com a qual ele logrou estabelecer uma grande relação afetiva.

Sartre, então, escolheu (com base no conceito mais radical da sua filosofia, a liberdade) viver com o perpétuo sentimento de desonra e de vergonha, posto que poderia, simplesmente, ter negado a pertinência desse sentimento ao viver na Paris ocupada.²⁹ E, assim procedendo, passou a viver com a constante angústia de ver as construções as quais ele frequentava sob a ameaça constante de destruição pelas forças de ocupação, assim como por aqueles que tentavam libertá-los: os aliados.³⁰ Mas, como vimos, viver em uma cidade ocupada tem implicações de ordem moral; ora, a guerra, à qual se acostumou atribuir o princípio da simplicidade, uma vez que separaria os “bons” dos “maus;” e “eles” de “nós;” não foi, para Sartre, de modo algum, um evento moralmente simples, uma vez que, como ele próprio admite, toda colaboração com os nazistas, mesmo aquela meramente passiva, era moralmente indigna. Contudo não se trata de concordar ou discordar das escolhas realizadas por Sartre (a permanência em Paris, a resistência pífia enquanto muitos eram torturados e outros tantos assassinados),³¹ mas de compreender que a sua escolha foi feita conscientemente e em plena liberdade. Ademais, como o seu ensaio demonstra, essas escolhas foram assumidas total e plenamente.

Referências

- BEAUVOIR, Simone de. **La force de l'âge**. Paris: Gallimard, 2009.
- CONTAT, Michel; RYBALKA, Michel. **Les écrits de Sartre**. Paris: Gallimard, 1970.
- CONTAT, Michel. **Sartre: l'invention de la liberté**. Paris: Textuel, 2005.
- CORTÁZAR, Julio. A casa tomada. In: CORTÁZAR, Julio. **Bestiário**. Tradução Remy Gorga Filho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p. 09-18.
- LÉVY, Bernard-Henri. **O século de Sartre**. Tradução Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- MORNET, Daniel. La Sorbonne pendant l'occupation allemande. **The French Review**, Marion, v. 19, n. 1, p. 07-10, jun. 1945.
- SARTRE, Jean Paul. **Diário de uma Guerra Estranha**. Tradução Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983a.
- SARTRE, Jean Paul. **O que é a literatura?** Tradução Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 2004.
- SARTRE, Jean Paul. **Os caminhos da liberdade III: com a morte na alma**. Tradução Sérgio Millet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983b.
- SARTRE, Jean Paul. **Situations III**. Paris: Gallimard, 2003.
- SIMEONE, Nigel. Making music in occupied Paris. **The Musical Times**, Londres, v. 147, n. 1894, p. 23-50, 2006.

contre les oppresseurs, entreprenait d'être lui-même, irrémédiablement et en se choisissant lui-même dans sa liberté, choisissait la liberté de tous."

30. "No desamparo absoluto, nós vamos passar acima das nossas cabeças aviões aliados. A nossa situação era tão paradoxal que as sirenes indicavam que eram nossos inimigos. As ordens eram formais: era necessário abandonar os escritórios, fechar as lojas e entrar nos abrigos. Nós não obedecíamos nunca: nós ficávamos nas ruas, com o nariz para cima. E não se deve ver nessa indisciplina uma vã revolta ou uma afetação idiota de coragem: nós olhávamos desesperadamente os únicos amigos que nos restavam" (SARTRE, 2003, p. 26, tradução nossa). No original lê-se: "Dans le délaissement absolu, il nous arrivait de voir passer au-dessus de nos têtes des avions alliés. Notre situation était si paradoxale que la sirène nous les signalait comme des ennemis. Les ordres étaient formels : il fallait quitter les bureaux, fermer les boutiques et descendre aux abris. Nous n'obéissions jamais : nous restions dans les rues, le nez en l'air. Et il ne faut pas voir dans cette indiscipline une vaine révolte ou une sottise affectation de courage : nous regardions désespérément les seuls amis qui nous restaient." E, ainda: "E como a BBC nos dava as primeiras informações, nós ouvíamos um ruído distante de aviões. Nós sabíamos muito bem que eles vinham atirar a suas bombas sobre nós. Durante muito tempo, eu não poderei esquecer a mistura de terror e de êxtase com a qual uma mulher disse, a meia-voz: 'Eis os Ingleses!'" (SARTRE, 2003, p. 26, tradução nossa). No original lê-se: "Et, comme la B. B. C. nous donnait ses premières informations, nous entendimes un grondement lointain d'avions. Nous savions fort bien qu'ils venaient lâcher leurs bombes sur nous; je n'oublierai pas de longtemps le mélange de terreur et d'extase avec lequel une des femmes dit, à mi-voix : 'Voilà les Anglais!'"

31. Sartre não foi o único a ter tal postura, como se pode ler: "De fato, a Sorbonne viveu exatamente como se os alemães não estivessem lá e como se o governo de Vichy não existisse" (MORNET, 1945, p. 8, tradução nossa). E: "O governo (e os alemães) não podia, de maneira nenhuma, ignorar o que nós pensávamos. Qual foi a sua atitude a nosso respeito? Curiosamente, e quase inevitavelmente, eles não podiam dizer nada: eles não ousaram fazer

Recebido em 14/03/2016
Aprovado em 07/06/2016

nada. Eu deixo de lado os professores judeus, pouco numerosos, que foram aposentados, e depois tiveram de fugir e cair na clandestinidade, nós vivíamos em uma atmosfera de ameaças latentes raramente realizadas. Cinco ou seis professores foram presos e depois liberados. Um dos meus colegas, prevenido a tempo, teve de se esconder, semanas antes da Liberação. E foi só isso, penso eu" (MORNET, 1945, p. 9, tradução nossa). No original lê-se: "Le gouvernement (et les Allemands) ne pouvaient en aucune façon ignorer ce que nous pensions. Quelle a été leur attitude A notre égard? Curieusement, et presque inévitablement ils n'ont rien fait-faudrait-il dire: ils n'ont osé rien faire. Si je laisse de côté les professeurs israelites, peu nombreux, qui ont été mis a la retraite, puis qui ont du fuir et se cacher, nous n'avons vécu que dans une atmosphere de menaces latentes rarement réalisées. Cinq ou six professeurs ont été arrêtés puis relâchés au bout d'une quinzaine. Un de mes collègues, prevenu a temps, a dû se cacher, quelques semaines avant la liberation. Et c'est tout, je crois." E, ainda: "Para a maioria dos parisienses, incluindo os músicos, a maneira de lidar com a vida sob a Ocupação foi a de expressar poucas opiniões sobre a situação, baixar o perfil, evitar encrencas e seguir adiante, como se quase nada estivesse acontecido, na esperança de que, eventualmente, tudo mudasse para melhor" (SIMEONE, 2006, p. 24, tradução nossa). No original lê-se: "For the vast majority of Parisians, including its musicians, the way they dealt with life under the Occupation was to express few opinions on anything, to keep their heads down, to avoid trouble, and to carry on almost as if nothing had happened, in the hope that things would eventually change for the better." Se esse comportamento por parte de intelectuais nada justifica o comportamento de Sartre, é mister reconhecer que a situação por parte dos parisienses era, sobretudo, a de cautela.